

Cena

v. 44, nº 2, maio - ago 2026

Entre Fios: revisão integrativa sobre os efeitos da dança na cognição de pessoas com demência

Among Threads: An Integrative Review of the Effects of Dance on Cognition in People with Dementia

Maria Vitória Andreazza Duarte¹
<https://orcid.org/0009-0001-2353-473X>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre/RS,
Brasil

E-mail: maviduarte@gmail.com

Raquel Arigony Prates²
<https://orcid.org/0000-0003-3773-6532>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre/RS,
Brasil

E-mail: raquelarigony@hotmail.com

Aline Nogueira Haas³
<https://orcid.org/0000-0003-4583-0668>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre/RS,
Brasil

E-mail: alinehaas02@hotmail.com

Resumo: A demência desfaz os fios da teia da vida, comprometendo memórias, afetos, cognição e autonomia, com grande impacto mundial na saúde de pessoas idosas. Nesse contexto, a dança emerge como uma promissora estratégia não farmacológica para a prevenção da demência e para a promoção de saúde e bem-estar. Este estudo investigou os efeitos da dança nos aspectos cognitivos de pessoas idosas com demência por meio de uma revisão integrativa da literatura, incluindo estudos de intervenção com qualquer estilo de dança, realizados com idosos com diagnóstico de demência e desfechos relacionados à cognição, sem restrição de idioma ou data de publicação. A busca foi realizada em julho de 2025 nas bases *PubMed*, *Embase*, *Web of Science* e *Cochrane*. Foram incluídos três artigos, totalizando 230 participantes com demência, com idades entre 77 e 80 anos, em sua maioria mulheres. Os resultados sobre desfechos cognitivos não foram significativos; porém, as intervenções de dança promoveram melhoras no equilíbrio, nos sintomas neuropsiquiátricos (como agitação e depressão), na qualidade de vida e na neuroplasticidade. A diversidade de estilos de dança e a heterogeneidade dos instrumentos de avaliação dificultaram a comparação direta entre os estudos. Os achados reforçam o potencial da dança como intervenção não farmacológica promissora, especialmente por integrar estímulos físicos, psicossociais e cognitivos, embora sejam necessários estudos com maior rigor metodológico e populações mais diversificadas para consolidar as evidências sobre seus efeitos na cognição. Além disso, é fundamental garantir que as vozes dos participantes sejam ouvidas, ampliando a compreensão de seus impactos e significados. Compreende-se a dança como uma possibilidade de reconstrução sensível da teia da vida, em que cada experiência pode reatar um fio, ainda que breve, de reconexão consigo mesmo e com o mundo.

Palavras-chave: Arte. Comprometimento Cognitivo. Envelhecimento. Movimento. Saúde do Idoso

Abstract: Dementia unravels the threads of the web of life, compromising memory, affect, cognition, and autonomy, with a major global impact on older adults' health. In this context, dance emerges as a promising non-pharmacological strategy for dementia prevention and for promoting health and well-being. This study investigated the effects of dance on cognitive aspects in older adults with dementia through an integrative literature review, including intervention studies with any dance style, conducted with older adults diagnosed with dementia and reporting cognition-related outcomes, with no restrictions on language or publication date. The search was conducted in July 2025 in the PubMed, Embase, Web of Science, and Cochrane databases. Three articles were included, totaling 230 participants with dementia, aged 77 to 80 years, mostly women. Cognitive outcomes were not significant; however, dance interventions improved balance, neuropsychiatric symptoms (such as agitation and depression), quality of life, and neuroplasticity. The diversity of dance styles and the heterogeneity of assessment instruments hindered direct comparisons between studies. The findings reinforce the potential of dance as a promising non-pharmacological intervention, especially because it integrates physical, psychosocial, and cognitive stimulation, although studies with greater methodological rigor and more diverse populations are needed to consolidate evidence regarding its effects on cognition. In addition, it is essential to ensure that participants' voices are heard, broadening the understanding of their impacts and meanings. Dance is understood as a possibility for sensitively reconstructing the web of life, in which each experience can re-tie a thread—however brief—of reconnection with oneself and with the world.

Keywords: Aging. Art. Cognitive Impairment. Movement. Older Adults' Health.

A demência na teia da vida: desafios, conexões e potenciais intervenções

A mente humana pode ser entendida, metaforicamente, como uma complexa e delicada teia da vida, que contém memórias, experiências e habilidades. Com o envelhecimento e a neurodegeneração, essa teia começa a desfilar, fios se soltam ou desaparecem, surge a demência. A demência atinge mais de 55 milhões de pessoas no mundo (*Global Burden of Disease*, 2019; *World Health Organization*, 2021). Projeções indicam que a prevalência da doença pode mais que triplicar até 2050, podendo alcançar 95 milhões de pessoas em 2030 e ultrapassar 150 milhões até 2050 (*Global Burden of Disease*, 2019). Tensionada pelo impacto do envelhecimento populacional, essa teia enfrenta um nó crítico: estima-se que 75% dos casos não são diagnosticados, com esse índice chegando a 90% em países de baixa e média renda, devido a barreiras como estigma e falta de conscientização (Gauthier et al., 2021). Os custos mundiais com demência, em 2019, eram de 1.3 trilhões de dólares ao ano e a expectativa é de que cheguem a 2.8 trilhões em 2030 (Long, Benoist e Weidner, 2023).

Entende-se por demência um conjunto de sintomas que tecem a perda de memória, a dificuldade de concentração e de orientação, alterações de personalidade e humor, e incapacidade de realizar tarefas do dia a dia (Gauthier et al., 2021; *Alzheimer's Disease International*, 2023). A doença de *Alzheimer* é a mais conhecida e prevalente, representando 60% a 80% dos casos, porém existem outras formas de demência, como a vascular, a de corpos de *Lewy* e a frontotemporal (WHO, 2017; ADI, 2023; Denning T; Babu Sandilyan M, 2015).

A doença evolui em estágios que exigem cuidados e estratégias específicos e personalizados (*Alzheimer Society*, 2022) e, à medida que progride, intensifica-se a necessidade de cuidados especializados (Livingston et al., 2024). Essa condição representa um desafio global, onde, além do alto custo, compromete a autonomia dos indivíduos e está entre as principais causas de incapacidade e dependência (*Alzheimer's Disease International*, 2023; Wimo et al., 2023; Livingston et al., 2020).

Uma das estratégias, para enfrentar esse desafio, na tentativa de fortalecer a teia, ou mesmo desacelerar o seu desgaste, está na prevenção. Sabe-se que cerca de 50% dos casos de demência podem ser reduzidos ao atuar sobre diferentes fatores de risco, muitos deles ligados ao estilo de vida, como a atividade física (Livingston et al., 2024). No que tange à preservação da qualidade de vida da pessoa com demência, recomenda-se uma abordagem holística, incluindo diferentes profissionais e intervenções não farmacológicas. Intervenções precoces, como mudanças no estilo de vida, têm se mostrado eficazes para desacelerar a progressão da doença (Livingston et al., 2024). Atividades físicas e cognitivas, por exemplo, estão associadas à redução de fatores de risco e à promoção do bem-estar (Livingston, et al., 2020).

Entre as estratégias não farmacológicas para a prevenção da demência e como intervenção voltada à promoção do bem-estar e da saúde de pessoas que vivem com demência, a dança tem ganhado destaque devido ao seu caráter multidimensional. A dança, neste artigo, é compreendida como uma prática artística do corpo em movimento e, precisamente por essa condição, como uma prática com potencial de produzir efeitos em saúde. “A dança é experiência do corpo em movimento; é expressão da motricidade humana. É manifestação artística, que se realiza no corpo, transformando os movimentos do corpo em arte. É experiência estética que se oferece à vivência e à fruição.” (Dantas, 2020). Ao invés de ser tomada apenas como exercício ou técnica aplicada, ela é entendida como experiência estética, relacional e sensível, na qual o corpo não apenas executa movimentos, mas produz expressão, presença e modos de estar, mobilizando o indivíduo em sua totalidade (Dantas, Alves & Boeno, 1999; Saraiva, 2005; Dantas, 2020). Nessa perspectiva, seus possíveis efeitos sobre a saúde não decorrem de uma dimensão “extra” ou externa à arte,

mas emergem da própria experiência artística da dança, uma vez que esta envolve, de modo indissociável, dimensões cognitivas, físicas, emocionais e relacionais da experiência humana (Prates et al., 2025; Hackney et al., 2024).

Há evidências de que a dança proporciona benefícios como melhora na interação social entre pessoas idosas e cuidadores em casas de repouso (Guzmán-García et al., 2013) e entre pessoas idosas com demência (Guzmán et al., 2017). A dança também apresenta melhora na funcionalidade (Abreu & Hartley, 2013; Ho et al., 2015) e em fatores emocionais (Ho et al., 2015) de pessoas idosas com demência. Além disso, a dança cria um ambiente agradável para os participantes (Guzmán-García et al., 2013, Hill, 2016).

A prática da dança cria um espaço de comunicação não verbal e conexão capaz de proporcionar um lugar de expressão, e de “esquecer” as dificuldades do corpo (Palo-Bengtsson & Ekman, 2002; Nyström & Lauritzen, 2005; Guzmán et al., 2017). Esses aspectos fazem da dança uma intervenção promissora para a prevenção da demência, bem-estar e promoção da saúde de pessoas com a doença já instalada. Podemos pensar a dança como uma possibilidade de reconexões e reconstruções na teia da vida.

Surge então a seguinte questão: Quais os efeitos da dança nos domínios cognitivos de pessoas idosas com demência? Nesse contexto, o presente estudo tem como objetivo realizar uma revisão integrativa da literatura para explorar os efeitos da dança na cognição de pessoas com demência, contribuindo para uma visão mais ampla sobre os benefícios dessa prática para a cognição e bem-estar de pessoas com demência.

Caminhos metodológicos

Esta revisão integrativa busca reunir e sintetizar informações sobre os efeitos da dança na cognição de pessoas com demência. Assim, possibilita reconhecer o que se sabe, incorporar os resultados significativos à prática e apontar as lacunas na área (De Souza; Bezerra; Do Egypto, 2023).

Para realizar a revisão integrativa foram seguidas as seguintes etapas: a) identificação do tema central e questão de pesquisa; b) escolha dos critérios de inclusão e exclusão; c) definição das bases de dados e estratégia de busca; d) ajuste das informações a serem extraídas/resultados; e) análise e discussão dos estudos incluídos; e, f) escrita e apresentação da revisão.

Foram incluídos estudos com intervenções de diferentes estilos de dança, com participação de pessoas idosas (≥ 60 anos) e com diagnóstico de demência. Os estudos incluídos apresentavam desfechos cognitivos, publicados em qualquer idioma e sem restrição de data de publicação. Foram excluídos artigos com intervenções combinadas (não sendo exclusivamente dança), artigos de opinião, relatos de caso, editoriais, cartas, resumos e protocolos ou artigos em que houvesse impossibilidade de acessar o texto na íntegra.

A busca foi realizada em julho de 2025, utilizando as bases de dados *PubMed*, *Embase*, *Web of Science* e *Cochrane*. Os principais descritores utilizados foram: “*Older Adults*” AND “*Dance*” AND “*Cognitive Dysfunction*” AND “*Dementia*”. A estratégia de busca completa está descrita no Quadro 1.

Quadro 1 – Estratégias de busca

Base de dados	Expressão de busca	Resultado
Pubmed	("Dance Therapy"[MeSH Terms] OR "Dance"[Title/Abstract] OR "Dancing"[Title/Abstract] OR "Dance movement therapy"[Title/Abstract]) AND ("Dementia"[MeSH Terms] OR "Alzheimer Disease"[MeSH Terms] OR "dementia"[Title/Abstract] OR "Alzheimer"[Title/Abstract]) AND ("Cognition"[MeSH Terms] OR "Cognition Disorders"[MeSH Terms] OR "cognitive function"[Title/Abstract] OR "cognition"[Title/Abstract] OR "cognitive decline"[Title/Abstract]) AND ("Aged"[MeSH Terms] OR "Elderly"[Title/Abstract] OR "Older adults"[Title/Abstract] OR "Older people"[Title/Abstract] OR "Aging"[Title/Abstract])	72
Embase	('dancing'/exp OR 'dancing' OR 'dance therapy'/exp OR 'dance therapy') AND ('older adults'/exp OR 'older adults') AND ('dementia'/exp OR 'dementia')	101
Web of Science	((TS=(dance)) AND TS=(older adults)) AND TS=(dementia)	108
Cochrane	dance AND older adults AND dementia	88

Fonte: as autoras.

Em relação à triagem e seleção dos artigos, primeiramente, foram excluídos artigos em duplicidade. Considerando os critérios de inclusão e exclusão, foram feitas duas novas triagens: 1) por título e resumo; 2) por leitura do texto na íntegra.

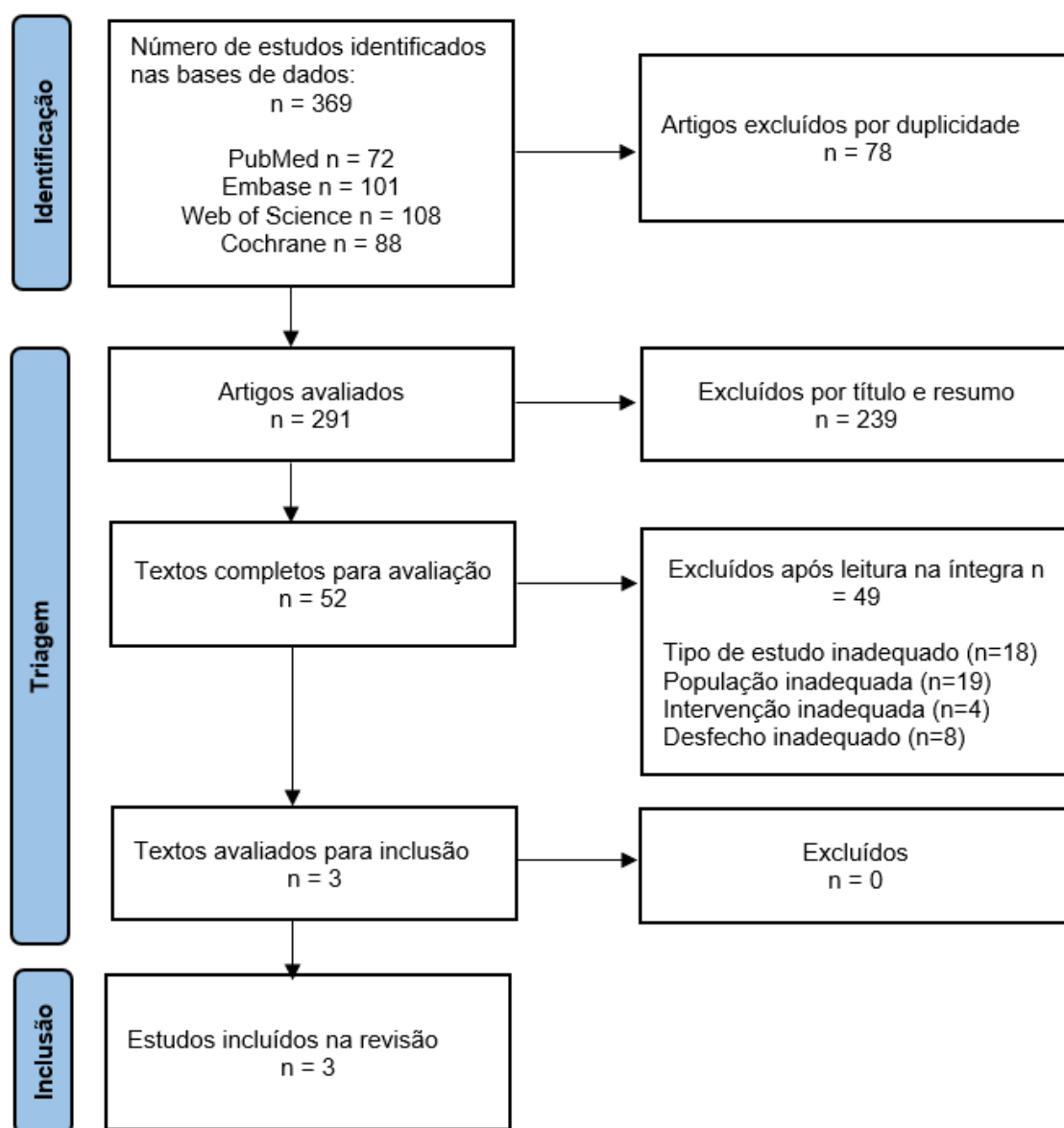
Os resultados dos artigos incluídos foram extraídos por categorias pré-definidas (autor e ano, tipo de estudo, informações sobre a população do estudo, informações sobre a intervenção, tipo de controle, desfechos avaliados e instrumentos utilizados, país onde o estudo foi conduzido, principais resultados) e apresentados em formato de tabela. Após, os resultados foram analisados através de uma síntese narrativa, descrevendo, interpretando e relacionando os achados entre os estudos. Por fim, foi realizada a discussão das informações, observando convergências, divergências, especificidades e lacunas a partir dos estudos incluídos e relacionando com o que se tem na literatura.

Todas as etapas do estudo foram realizadas por duas revisoras independentes: RA e MD, que entraram em consenso após cada etapa.

A teia do conhecimento: resultados sobre dança e demência

Foram encontrados 369 artigos no total. Setenta e oito artigos duplicados foram excluídos manualmente. Posteriormente, utilizando os critérios de inclusão e exclusão, foram excluídos 239 artigos na triagem por título e resumo e 49 na triagem por leitura na íntegra. Dessa forma, 3 artigos, com um total de 230 pessoas idosas com demência foram incluídos nesta revisão. A Figura 1 apresenta o fluxograma com o processo de inclusão e exclusão dos artigos.

Figura 1 – Fluxograma do processo de triagem e inclusão dos estudos.



Fonte: as autoras.

Os estudos incluídos foram conduzidos em Hong Kong (Ho et al., 2020), Itália (Chiesi et al., 2021) e Estados Unidos (Thumuluri et al., 2022), totalizando 240 participantes. O número de indivíduos por estudo variou de 16 a 204, com média de idade entre 77 e 80 anos e predominância do sexo feminino (variando de 50% a 81,9%). A população abrangeu idosos com demência leve (Ho et al., 2020), com Doença de *Alzheimer* e institucionalizados (Chiesi et al., 2021), e pessoas com comprometimento cognitivo leve ou demência em estágio inicial acompanhadas por seus cuidadores (Thumuluri et al., 2022). Dois estudos foram ensaios clínicos controlados e randomizados (Ho et al., 2020; Thumuluri et al., 2022), sendo o último piloto; o terceiro (Chiesi et al., 2021), foi um estudo piloto pré/pós-intervenção.

Diferentes estilos de dança foram utilizados nos estudos incluídos: Dança Movimento Terapia (DMT)(Ho et al., 2020); Biodança, aplicada em uma instituição de longa permanência (Chiesi et al., 2021); e dança improvisação através do método *IMPROVment*®, (Thumuluri et al., 2022).

As três abordagens compartilham um enquadramento estético-metodológico que entende a dança como experiência corporal, relacional e expressiva, mas com ênfases distintas. A Biodança privilegia a integração entre música, movimento e emoção para induzir vivências no “aqui e agora”, sem passos codificados, e é organizada em grupo para favorecer comunicação espontânea, empatia e apoio mútuo (Chiesi et al., 2021). O *IMPROVment®* é baseado na dança contemporânea e na improvisação, com foco em autonomia, criatividade e invenção gestual, orientado por princípios como não julgamento e ludicidade; metodologicamente, estrutura sessões em fases e utiliza imaginação ativa e comandos rápidos para aumentar demanda cognitiva e reduzir respostas automáticas (Thumuluri et al. 2022). Já a DMT articula componentes físicos e psicoterapêuticos, com uma estética não verbal de movimentos simples e ritmados (sentados ou em pé), e combina dança em grupo, jogos, improvisação e interação, frequentemente com ênfase em movimentos contralaterais e momento final de partilha verbal (Ho et al., 2020). Apesar das diferenças, as três propostas convergem ao valorizar a experiência estética e relacional da dança como via de engajamento.

As sessões foram conduzidas entre 8 e 12 semanas, com frequência de uma a duas vezes por semana, e duração média de 1 hora por encontro. Apenas o estudo de Chiesi et al. (2021) incluiu uma fase prévia de formação da equipe de cuidadores (3 meses).

Embora o desfecho primário dessa revisão seja a cognição (critério que definiu a seleção dos estudos), entendemos que a demência é complexa e multifatorial e a cognição não se dá de forma isolada. Por isso, optamos por extrair os outros desfechos, quando presentes, (após a seleção dos estudos elegíveis) para ampliar a discussão e compreensão acerca do tema.

Os desfechos mais frequentemente avaliados foram os sintomas neuropsiquiátricos (n=3 estudos), depressão (n=3), cognição (n=2), equilíbrio (n=1), funcionalidade (n=1), qualidade de vida (n=1), e biomarcadores cerebrais e neuroendócrinos (n=2). Houve ampla diversidade de instrumentos utilizados. Os sintomas neuropsiquiátricos foram mensurados pelo *Neuropsychiatric Inventory – NPI* versões padrão (Ho et al. 2020) e institucional (NPI-NH) (Chiesi et al. 2021), e por relato de cuidadores (Thumuluri et al. 2022). Apenas Chiesi et al. (2021) identificaram redução estatisticamente significativa nos sintomas neuropsiquiátricos, com queda nos escores do NPI-NH ($p = 0,038$) e redução da agitação avaliado pelo *Cohen-Mansfield Agitation Inventory – CMAI*. Ho et al. (2020) não encontraram melhora significativa nos sintomas comportamentais avaliados pelo NPI ($p = 0,15$), embora tenham sido observados efeitos positivos em domínios como depressão, solidão e humor. Já Thumuluri et al. (2022) observaram um leve aumento nos escores de apatia e depressão em ambos os grupos, sem significância estatística.

A cognição foi avaliada pelo *Mini-Mental State Examination (MMSE)* (Chiesi et al., 2021) e por instrumentos de memória e função executiva como o *Fuld Object Memory Evaluation (FOME)*, o Teste de Dígitos *WAIS (Wechsler Adult Intelligence Scale, Digit Span)* e o *Trail Making Test A e B (TMT)* (Ho et al., 2020). Na maioria dos estudos o desempenho cognitivo se manteve estável, com exceção de melhorias pontuais em recordação total e tardia observadas 3 meses após a DMT (Ho et al. 2020). Embora o estudo de Thumuluri et al. (2022) não tenha avaliado diretamente um desfecho cognitivo, ele foi incluído por avaliar as métricas cerebrais através da neuroimagem em um contexto de intervenção e relacionado a fatores comportamentais e neuropsiquiátricos, que podem influenciar a cognição de pessoas com demência (Achard and Bullmore, 2007; Suwabe et al., 2018; Sabates et al., 2023).

A depressão foi avaliada pela *Geriatric Depression Scale (GDS)* (Ho et al., 2020; Thumuluri et al., 2022) e pela *Cornell Scale for Depression in Dementia (CSDD)* (Chiesi et al.). O grupo DMT (Ho et al., 2020) apresentou melhora significativa ($d = 0,33$; $p < 0,05$), enquanto a Biodança reduziu a proporção de participantes com quadro depressivo de 31%

para 6% ($p = 0,065$). No estudo de dança de improvisação (Thumuluri et al., 2022), não houve melhora estatisticamente significativa nos escores da GDS.

A funcionalidade foi mensurada apenas por Ho et al. (2020), através da Escala de Atividades Instrumentais da Vida Diária (IADL), apresentando melhora significativa no grupo DMT ($d = 0,40$; $p < 0,01$), com manutenção após um ano.

A qualidade de vida foi avaliada através do *Quality of Life in Alzheimer's Disease (QoL-AD)* somente no estudo de Thumuluri et al. (2022), demonstrando aumento nas pontuações do grupo intervenção e declínio no grupo controle, sem significância estatística.

O equilíbrio foi avaliado por Thumuluri et al. (2022) por meio da *Fullerton Advanced Balance Scale (FAB)* e da *Falls Efficacy Scale International (FES-I)*, com melhora significativa no grupo intervenção (redução estimada de 9,6% no risco de queda) em comparação com piora no grupo controle (+36,8%).

Dois estudos exploraram biomarcadores sanguíneos e análise de imagens. Ho et al. (2020) mensuraram o cortisol salivar (indicador neuroendócrino envolvido na resposta ao estresse e na regulação imunológica) através de cinco coletas diárias e observaram no grupo de DMT uma melhora significativa na inclinação do cortisol diurno ($d = 0,30$; $p < 0,01$), sendo que esse efeito se manteve por um ano. Thumuluri et al. (2022) utilizaram a Ressonância Magnética Funcional (fMRI) em repouso e análise por teoria de grafos, identificando no grupo de intervenção aumento da eficiência global (EGlob), eficiência local (ELoc), e modularidade (Q), além de um aumento da consistência das redes do córtex somatomotor (SMC) e da rede de modo padrão (DMN) após a intervenção, e um aumento inesperado no tamanho do componente gigante.

Em relação aos achados qualitativos, Thumuluri et al. (2022) descreveram percepções positivas dos participantes, com destaque para conexão social e sentimento de pertencimento ao grupo, incluindo interação com outros casais e formação de novas amizades. Os relatos também indicaram bem-estar emocional e alegria, com menções a risos, diversão e aumento de felicidade durante as aulas. Além disso, foram descritas percepções físicas e mentais, como sensação de estar mais “solto” corporalmente e maior consciência de si e dos outros. Também foi observada redução de julgamento em relação a si mesmos e aos demais após a participação nas aulas.

Em relação à adesão, Ho et al. (2020) reportaram menor taxa de abandono no grupo DMT (10%) frente ao grupo de exercício (22%) e controle (24%). Thumuluri et al. (2022) registraram presença de 96% nas sessões. Chiesi et al. (2021) não reportaram dados de aderência e perdas amostrais.

O Quadro 2 apresenta uma síntese dos artigos selecionados.

Quadro 2 – Estudos incluídos na revisão integrativa e características

Autor /ano	Tipo de estudo	População (n)	Diagnóstico	Idade (anos) Média±DP	Sexo mulheres (%)	Intervenção (tipo, intensidade, frequência e duração)	Controle	Desfechos e Instrumentos	País	Principais resultados
Ho et al. 2020	Ensaio clínico randomizado	204	Demência leve	79,0 ± 8,0	82%	1. DMT 2. Programa de exercício físico 40%–60% do VO2 máximo 12 semanas 2x/semana 1 hora	Lista de espera	1. Solidão - DJGLS 2. Depressão - GDS 3. Humor - VAMS 4. AVD - IADL 5. Sintomas comportamentais e psicológicos de demência - NPI 6. Memória e fluência verbal - FOME, WAIS 7. Atenção e função executiva - TMT 8. Biomarcador salivar - cortisol	Hong Kong	DMT: efeitos positivos na depressão, solidão, humor, AVD e cortisol; manutenção de AVD e cortisol. Exercício: sem efeitos relevantes; melhora transitória no cortisol
Chie-si et al. 2021	Estudo piloto, pré/pós intervenção	16	Doença de Alzheimer	80,2 ± 7,5	69%	Bodanza 12 semanas 1x/semana 1 hora	não	1. Níveis de agitação - CMAI 2. Depressão - CSDD 3. Sintomas neuropsiquiátricos - NPI-NH 4. Cognição global - MMSE	Itália	Efeitos positivos em agitação e sintomas neuropsiquiátricos; sem efeitos significativos na cognição e depressão.

Thummuluri et al. 2022	Estudo piloto, controlado e randomizado	20*	Estágio inicial de demência ou declínio cognitivo leve	76,9 ± 7,0	50%	Dança de improvisação 8 semanas 2x/semana 1 hora	Cuidados habituais	1. Qualidade de vida - QoL-AD 2. Equilíbrio - FAB 3. Confiança no equilíbrio - FES-I 4. Humor - GDS 5. Sintomas neuropsiquiátricos - NPI 6. Consciência corporal - PHLMS 7. Neuroimagem funcional: Eglob, Eloc, SI, Q, Tamanho do Componente Gigante, Mapas Espaciais	Estados Unidos	Alta viabilidade e aceitação. Efeitos positivos na qualidade de vida, no equilíbrio, na redução do risco de quedas e nas mudanças das redes cerebrais. Sem melhora significativa no humor; piora não significativa em apatia e depressão.
------------------------	---	-----	--	------------	-----	---	--------------------	---	----------------	---

Fonte: as autoras.

*10 cuidadores e 10 pessoas com demência. para discussão e análise das informações, utilizamos apenas os resultados das pessoas com demência.

Nota. DMT = Dance Movement Therapy; DJGLS = The De Jong Gierveld Loneliness Scale; GDS = Geriatric Depression Scale; CSDD = Cornell Scale for Depression in Dementia; VAMS = Visual Analogue Mood Scale; AVD = atividade de vida diária; IADL = Instrumental Activities of Daily Living Scale; NPI = Neuropsychiatric Inventory; NPI-NH = Neuropsychiatric Inventory – Nursing Home version; FOME = Fuld Object Memory Evaluation; WAIS = Wechsler Adult Intelligence Scale (Digit Span); TMT = Trail Making Test A e B; CMAI = Cohen-Mansfield Agitation Inventory; MMSE = Mini-Mental State Examination; QoL-AD = Quality of Life in Alzheimer's Disease; FAB = Fullerton Advanced Balance Scale; FES-I = Falls Efficacy Scale – International; PHLMS = Philadelphia Mindfulness Scale; Eglob = Global Efficiency; Eloc = Local Efficiency; SI = Segregation Index (SMC = Sensorimotor Cortex; DMN = Default Mode Network); Q = Modularity

A figura 2 apresenta uma síntese dos principais achados nesse entrelace entre dança e demência, conectando os tipos de dança com os benefícios encontrados nos estudos. Embora nem todos os desfechos sejam diretamente ligados à cognição, todos fazem parte da saúde cerebral e contribuem para as interconexões da teia da vida.

Figura 2 – Estilos de dança e seus respectivos benefícios encontrados nos estudos incluídos na revisão integrativa.



Fonte: as autoras, 2025.

A teia da vida em movimento: entrelaces sobre dança e demência

A presente revisão integrativa sintetiza os achados sobre os efeitos da dança nos aspectos cognitivos de pessoas idosas com demência. Os três estudos analisados (Ho et al., 2020; Chiesi et al., 2021; Thumuluri et al., 2022) não encontraram efeitos significativos em relação à cognição. Porém, indicaram benefícios importantes na qualidade de vida, nos sintomas neuropsiquiátricos e no equilíbrio.

Os efeitos da dança nos desfechos cognitivos apresentaram resultados inconsistentes. Ho et al. (2020) observaram melhorias tardias (3 meses após o término da intervenção) em recordação total tardia, embora sem melhorias significativas na memória e nas funções executivas imediatamente após o término da intervenção e no período de 9 meses após a intervenção. De forma semelhante, Chiesi et al. (2021) e Thumuluri et al. (2022) não encontraram evidências robustas de melhorias cognitivas. No entanto, o estudo de Thumuluri et al. (2022) identificou alterações em métricas de neuroimagem, sugerindo que a dança pode promover neuroplasticidade (capacidade do cérebro de reorganizar suas conexões e funções em resposta à experiência) e reorganização das redes neurais. Especificamente, foi observado um aumento da eficiência global (quão bem o cérebro integra informação entre regiões) e da eficiência local (quão bem a informação circula em grupos de regiões próximas) das redes neurais, indicando maior conectividade funcional e estrutural, particularmente em regiões associadas ao controle motor e à integração sensorio-motora (Thumuluri et al., 2022). Isso é especialmente relevante, pois estudos indicam que a doença de *Alzheimer*, a mais prevalente entre as demências, está associada a déficits significativos na conectividade cerebral (Busche; Konnerth, 2016).

Os instrumentos utilizados para avaliação cognitiva nos estudos incluídos nesta revisão, costumam ser amplamente utilizados em avaliações de rastreio cognitivo global (MMSE) (Chiesi et al., 2021), atenção e funções executivas (TMT) (Ho et al. 2020) e memória (WAIS e FOME) (Ho et al. 2020). Além disso, esses instrumentos possuem adaptações e validações para diferentes regiões, o que permite comparações entre estudos realizados em diferentes países. O que podemos perceber nessa revisão é que os 3 diferentes estudos utilizam instrumentos diferentes, o que não permite uma comparação mais coerente entre eles. Destacamos, então, a importância de padronizar aspectos metodológicos dos estudos, como os instrumentos de avaliação e, também, considerar fatores sociodemográficos, como escolaridade, etnia, entre outros, para uma melhor compreensão dos resultados e representação de diferentes populações (Prates et al., 2025).

A dança também tem sido associada a benefícios emocionais e fisiológicos, incluindo alterações em biomarcadores do humor e do estresse. Assim como observado por Ho et al. (2020), estudos indicam que sua prática pode ajudar na regulação do cortisol e no aumento de fatores neurotróficos, como o *BDNF* (*Brain-Derived Neurotrophic Factor*, proteína que favorece a sobrevivência e o fortalecimento das conexões entre neurônios), que influenciam a neuroplasticidade e o bem-estar emocional (Lopez-Nieves & Jakobsche, 2022; Rehfeld et al., 2018).

Esses achados sugerem que, mesmo na ausência de melhorias cognitivas mensuráveis, a dança pode promover adaptações neurais relevantes, podendo atuar como um modulador da “teia neural” — a complexa rede de conexões e processos que sustentam a cognição e o comportamento. Há evidências consistentes de seus benefícios para a cognição em idosos saudáveis e em indivíduos com comprometimento cognitivo leve (Balbim et al., 2021; Wang et al., 2024; Adam et al., 2016; Dominguez et al., 2018; Lazarou et al., 2017; Tao et al., 2023). No entanto, em estágios mais avançados do declínio cognitivo, como na demência, os achados ainda são limitados. Na demência, o comprometimento cognitivo não decorre apenas de perdas isoladas de memória ou atenção, mas da desorganização progressiva de redes neurais que sustentam a integração entre funções cognitivas, motoras e emocionais. Nesse sentido, a dança é particularmente promissora porque atua justamente como uma prática multimodal e de alta demanda integrativa. A dança, por envolver desafios cognitivos e expressão criativa, exige memória, atenção, coordenação e adaptação, ao mesmo tempo em que favorece o engajamento social e formas de comunicação não verbal e de conexão relacional e afetiva (Hackney et al., 2024; Prates et al., 2025; Dantas; Alves; Boeno, 1999; Kontos et al., 2018). Do ponto de vista cognitivo, a necessidade de orientar-se no espaço, rastrear estímulos visuais e organizar trajetórias corporais pode engajar redes relacionadas à navegação e à memória espacial, enquanto a improvisação demanda tomada de decisão em tempo real, flexibilidade cognitiva e maior recrutamento de recursos frontais (Ho et al., 2020).

Além disso, estratégias como movimentos rítmicos e contralaterais (cruzando a linha média) podem intensificar a coordenação e a comunicação inter-hemisférica, ampliando a demanda cognitivo-motora (Ho et al., 2020). A dança também introduz mecanismos de desafio cognitivo em dupla-tarefa (realização simultânea de uma tarefa motora e uma tarefa cognitiva) por meio de comandos rápidos, variabilidade e uso de metáforas motoras. Essas técnicas evitam respostas automáticas e forçam a geração de novas soluções de movimento em tempo real, o que aumenta a exigência de atenção, imaginação ativa e controle executivo, segundo Thumhuri et al. (2022). Ainda, a dimensão psicossocial da dança pode favorecer atenção, empatia e escuta do ambiente por meio de vivências integrativas e comunicação não verbal, criando condições emocionais e relacionais mais favoráveis ao engajamento cognitivo, como discutido por Chiesi et al. (2021).

Apesar desses benefícios, a ausência de resultados estatisticamente significativos sobre os efeitos da dança na cognição de pessoas com demência não deve ser interpretada, de forma apressada, como indicativo de ausência de efeito. Muitos estudos operam

com intervenções de curta duração — em média, 10 semanas (Mabire et al., 2019), e com número reduzido de participantes (Chiesi et al., 2021; Thumuluri et al., 2022). Tais limitações metodológicas não refletem necessariamente fragilidades nos desenhos de pesquisa, mas sim os desafios inerentes às intervenções com dança, que dificilmente se ajustam às exigências convencionais de estudos com grandes amostras e alto controle estatístico, típicos da perspectiva biomédica. Isso, no entanto, não deve ser confundido com ausência de rigor ou relevância científica. A variabilidade entre os estágios da demência e as diferenças individuais na resposta à intervenção também influenciam nos resultados, ressaltando a necessidade de abordagens mais sensíveis e abrangentes para avaliar os efeitos da dança nessa população. Além disso, como apontado por Huang et al. (2023), os benefícios cognitivos tendem a ser mais evidentes quando as propostas ultrapassam três meses de duração e ocorrem com maior frequência ($\geq$ três vezes por semana).

Um aspecto recorrente em todos os estudos foi a alta viabilidade e aceitação da dança. Chiesi et al. (2021) destacam a viabilidade da Biodança em um contexto institucional, enquanto Thumuluri et al. (2022) enfatizam a adesão e o *feedback* positivo dos participantes (conexão social e alegria). Já Ho et al. (2020), reforça esse aspecto ao reportar menor taxa de evasão no grupo DMT do que nos grupos de exercício e controle. O caráter dinâmico da dança favorece uma alta taxa de adesão e participação contínua, tornando-a uma intervenção promissora (Sharp; Hewitt, 2014).

Os achados reforçam o papel da dança como uma estratégia multidimensional, que combina estímulos motores, cognitivos, emocionais e sociais, potencialmente contribuindo para a manutenção da funcionalidade e da qualidade de vida em pessoas com demência. Além disso, intervenções artísticas que integram movimento e interação social, como a dança, ajudam a preservar a identidade e a autoexpressão, permitindo que os participantes explorem sua criatividade e emoções, mantendo sua individualidade mesmo diante de desafios neurodegenerativos (Kaczmarska, 2023; Kontos, 2018).

Os benefícios psicossociais também foram consistentes entre os estudos revisados. Ho et al. (2020) encontraram reduções significativas na depressão e solidão, além de melhora do humor e regulação do cortisol. Da mesma forma, Chiesi et al. (2021) observaram redução da agitação e melhora nos sintomas neuropsiquiátricos. Ainda que Thumuluri et al. (2022) não tenham alcançado significância estatística em alguns desses domínios, as tendências positivas e o relato qualitativo indicam que a improvisação e a interação social promovidas pela dança podem atuar como mecanismos facilitadores desses efeitos. Sabe-se que sintomas comportamentais e psicológicos, como agitação, agressividade e delírios, estão entre os desafios frequentemente relatados no cuidado de pessoas com demência (Kales, Gitlin e Lyketsos, 2015; Livingston et al., 2024; Schein et al., 2022). Essas manifestações impactam não apenas os indivíduos afetados, mas também seus cuidadores e familiares, aumentando a sobrecarga emocional e a necessidade de suporte especializado (Brodaty e Donkin, 2009; Livingston et al., 2020). Por isso, a importância desses resultados.

Além disso, a dimensão social contribui para a redução do isolamento e o fortalecimento das conexões interpessoais, fatores essenciais para o suporte emocional de indivíduos com demência (Motta-Ochoa et al., 2021; Kontos et al., 2021; Kaczmarska, 2023). Esse efeito é particularmente relevante, dado que a solidão e o isolamento social podem acelerar o declínio cognitivo e funcional, afetando significativamente a qualidade de vida dessas pessoas (Cardona; Andrés, 2023; Livingston et al., 2024).

No que diz respeito aos aspectos físicos e funcionais, os achados foram particularmente positivos. Ho et al. (2020) evidenciaram uma melhora significativa na funcionalidade, aspecto fundamental para a independência do idoso. O estudo de Thumuluri et al. (2022) apresentou resultados significativos em relação ao equilíbrio e à redução do risco de quedas. Embora Chiesi et al. (2021) não tenham avaliado diretamente o equilíbrio, a redução da agitação observada pode indiretamente contribuir para maior mobilidade e menor risco de acidentes. Esses achados corroboram com os de Charras et al. (2020), que também ob-

servaram melhora no equilíbrio em um programa de dança focado em marcha. A melhora do equilíbrio é especialmente relevante para a prevenção de quedas, que são comuns em pessoas com demência e podem acelerar o declínio funcional (Kim et al., 2024). A combinação de movimento rítmico e coordenação motora proporcionada pela dança parece ser um fator determinante para os ganhos no desempenho motor, alinhando-se com a literatura sobre dança em idosos com e sem doenças neurodegenerativas (Wu et al., 2022; Murillo-Garcia et al., 2020; Wu et al., 2021).

Embora esta revisão não tenha utilizado ferramentas específicas para avaliar a qualidade metodológica dos artigos incluídos, algumas limitações foram identificadas, como a heterogeneidade dos estilos de dança (DMT, Biodança e dança de improvisação) e a heterogeneidade dos desfechos avaliados e dos instrumentos de avaliação. Essa variedade torna a comparação entre estudos mais complexa.

Outra limitação observada foi a pouca exploração da perspectiva dos participantes e cuidadores, com apenas um dos estudos revisados coletando relatos subjetivos sobre o impacto da dança na conexão social e no bem-estar emocional (Thumhuri et al., 2022). Incluir a voz de pessoas com demência, como feito por Motta-Ochoa et al. (2021), é essencial para ampliar a compreensão dos benefícios da dança, especialmente em relação ao fortalecimento de conexões, à criatividade e às dimensões relacionais da demência. Além disso, a combinação de métodos qualitativos e quantitativos pode oferecer uma abordagem mais abrangente para capturar essas experiências, permitindo uma compreensão mais ampla do impacto da dança.

A falta de diversidade dos participantes também é um fator de limitação. A maioria dos participantes era residente de países de alta renda, enquanto países de baixa e média renda ainda enfrentam barreiras significativas no acesso a diagnósticos, tratamentos e intervenções não farmacológicas, impactando a detecção e o manejo da demência (*Alzheimer's Disease International*, 2021). Expandir as pesquisas para o Sul Global é fundamental para aprofundar o entendimento sobre a saúde cerebral, o envelhecimento e a demência em diferentes contextos socioculturais, contribuindo para o desenvolvimento de intervenções mais inclusivas e eficazes (Baez et al., 2023). Além disso, a inclusão de participantes com diferentes níveis educacionais, etnias e contextos socioeconômicos pode fornecer uma visão mais abrangente dos impactos da dança.

Apesar dos avanços, ainda existem lacunas significativas na pesquisa sobre dança e pessoas com demência. Até o momento, não foram demonstrados efeitos significativos da dança sobre a cognição, e são necessários estudos longitudinais mais rigorosos para avaliar sua eficácia a longo prazo. A falta de seguimento após as intervenções dificulta a compreensão da durabilidade dos benefícios observados, enquanto a comparação entre diferentes estilos de dança segue pouco explorada. Pesquisas futuras devem investigar se intervenções estruturadas produzem efeitos distintos em relação a abordagens mais livres e improvisacionais, além de considerar a intensidade e a complexidade dos movimentos e as características individuais dos participantes. O aprimoramento do rigor metodológico é fundamental para garantir maior precisão na avaliação dos impactos da dança nessa população. Além disso, a integração de medidas objetivas, como neuroimagem funcional, pode fornecer insights adicionais sobre os mecanismos neurobiológicos envolvidos. Isso, considerando estudos quantitativos.

Embora esta revisão tenha se concentrado em estudos que avaliaram os efeitos da dança sobre a cognição por meio de métricas quantificáveis, é importante reconhecer as limitações desse recorte. Como apontado por Warran et al. (2024), a ênfase em medidas mensuráveis frequentemente privilegia epistemologias médicas e pode restringir a compreensão do que a dança mobiliza em pessoas com demência. Ensaios clínicos randomizados, embora considerados o padrão-ouro na hierarquia da evidência, não são neutros: refletem valores específicos sobre o que conta como “conhecimento válido” e tendem a marginalizar formas de saber baseadas na experiência vivida, na sensibilidade e na rela-

ção. Ao valorizar apenas resultados objetivos, corre-se o risco de excluir participantes com demência mais avançada, cuja comunicação não verbal, por exemplo, escapa aos critérios de inclusão de muitos estudos (Warran et al., 2024). Assim, ao mesmo tempo em que reconhece o valor estratégico dessas evidências para fins de legitimação e escalabilidade de políticas públicas e financiamentos, esta revisão também chama atenção para a necessidade de expandir os modelos de pesquisa em dança, incluindo abordagens que acolham perspectivas capazes de reconhecer os participantes como sujeitos de saber, cuja voz, corporeidade e experiência vivida compõem a própria tessitura do processo investigativo.

Mesmo diante dos desafios de realizar estudos com pessoas com demência, como os custos envolvidos, o prognóstico geralmente desfavorável em relação à melhora da cognição e o tempo necessário para a execução das pesquisas, especialmente em estágios mais avançados da doença, é fundamental produzir evidências que orientem ações de prevenção e de cuidado. Além disso, tais informações têm relevância social ao contribuir para a qualificação das práticas de cuidado voltadas às pessoas com demência e seus cuidadores, bem como para a formação adequada e a valorização de profissionais da dança que atuam ou venham a atuar nesse campo.

Não se trata apenas de reconhecer possíveis efeitos da dança na melhora da cognição. É também importante considerar seu potencial de contribuição para a desaceleração do declínio cognitivo ou para o reconhecimento do status cognitivo de pessoas com demência, orientando intervenções que possam colaborar para a qualidade de vida e o bem-estar. Essa perspectiva é particularmente relevante porque a cognição está diretamente relacionada à forma como a pessoa se comunica e se relaciona com o mundo. Nesse contexto, discutir os métodos de pesquisa mais adequados e eficazes torna-se fundamental para qualificar a produção de conhecimento na área, bem como para favorecer o financiamento e o desenvolvimento de futuros estudos.

Teceduras finais: o que pode a dança e os caminhos por tecer

Em síntese, a dança se apresenta como um elo integrador na teia da vida da pessoa idosa com demência, mesmo que ainda parcialmente compreendida. Os resultados desta revisão sugerem que a prática da dança apresenta benefícios importantes para o equilíbrio, sintomas neuropsiquiátricos e qualidade de vida de pessoas com demência. A redução do cortisol e melhorias nas métricas cerebrais indicam o potencial da dança para promover neuroplasticidade e bem-estar funcional. No entanto, os efeitos na cognição permanecem incertos, destacando a necessidade de estudos futuros com intervenções mais padronizadas, seguimento a longo prazo e avaliação rigorosa dos desfechos. É preciso, também, garantir que as vozes dos participantes sejam ouvidas, permitindo uma compreensão mais ampla de seus impactos e significados. Compreende-se a dança como uma possibilidade de reconstrução sensível da teia da vida, onde cada experiência pode reatar um fio, ainda que breve, de reconexão consigo mesmo e com o mundo.

Referências

ABREU, M.; HARTLEY, G. The effects of salsa dance on balance, gait, and fall risk in a sedentary patient with Alzheimer's dementia, multiple comorbidities, and recurrent falls. *Journal of Geriatric Physical Therapy*, v. 36, n. 2, p. 100-108, 2013.

ACHARD, Sophie; BULLMORE, Ed. Efficiency and cost of economical brain functional networks. *PLoS Computational Biology*, v. 3, n. 2, p. e17, 2007.

ADAM, S. et al. Dance as a promising intervention in people with mild cognitive impairment and Parkinson's disease. *Frontiers in Aging Neuroscience*, v. 8, p. 1-12, 2016.

ALZHEIMER'S DISEASE INTERNATIONAL. *World Alzheimer Report 2021: Journey through the diagnosis of dementia*. London: ADI, 2021. Gauthier S, Rosa-Neto P, Morais JA, & Webster C. 2021. *World Alzheimer Report 2021: Journey through the diagnosis of dementia*. London, England: Alzheimer's Disease International.

ALZHEIMER DISEASE INTERNATIONAL. *World Alzheimer Report 2023*. Long, S., Benoit, C., Weidner, W. 2023. *World Alzheimer Report 2023: Reducing dementia risk: never too early, never too late*. London, England: Alzheimer's Disease International.

ALZHEIMER SOCIETY. *Dementia: stages and progression*. 2022.

BAEZ, S.; ALLADI, S.; IBANEZ, A. Global South research is critical for understanding brain health, ageing and dementia. *Clinical and Translational Medicine*, v. 13, n. 11, p. e1486, 2023.

BALBIM, G. M. et al. Effects of dance on cognitive performance in older adults: A systematic review and meta-analysis. *Ageing Research Reviews*, v. 70, p. 101415, 2021.

BRODATY, H.; DONKIN, M. Family caregivers of people with dementia. *Dialogues in Clinical Neuroscience*, v. 11, n. 2, p. 217-228, 2009.

BUSCHE, Marc Aurel; KONNERTH, Arthur. Impairments of neural circuit function in Alzheimer's disease. *Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences*, v. 371, n. 1700, 2016.

CARDONA, M.; ANDRÉS, P. Are social isolation and loneliness associated with cognitive decline in ageing? *Frontiers in Aging Neuroscience*, v. 15, p. 1075563, 2023.

CHARRAS, K. et al. Dance intervention for people with dementia: Lessons learned from a small-sample crossover explorative study. *The Arts in Psychotherapy*, v. 70, p. 101676, 2020.

CHIESI, Fabrizio et al. Biodanza as a Nonpharmacological Dance Movement-Based Treatment in Older People With Alzheimer's Disease: An Italian Pilot Study in 2 Tuscan Nursing Homes. *Holistic Nursing Practice*, v. 35, n. 5, p. 264-272, 2021.

DANTAS, Mônica; ALVES, Márcia; BOENO, Andressa. Dança, corpo e representações: um encontro anunciado. *Conexões*, Campinas, v. 1, n. 2, p. 108-120, 1999.

DANTAS, Mônica. Dança, o enigma do movimento. Curitiba: *Appris*, 2020.

DE SOUZA, M. N. A.; BEZERRA, A. L. D.; DO EGYPTO, I. A. S. Trilhando o caminho do conhecimento: o método de revisão integrativa para análise e síntese da literatura científica. *Observatorio de la Economía Latinoamericana*, v. 21, n. 10, p. 18448-18483, 2023.

DENING, T.; SANDILYAN, M. B. Dementia: definitions and types. *Nursing Standard*, v. 29, n. 37, p. 37-42, 2015.

DOMINGUEZ, L. J. et al. Effect of physical activity on cognitive function in older adults at risk for Alzheimer's disease: A randomized clinical trial. *JAMA Neurology*, v. 75, n. 5, p. 556-563, 2018.

GAUTHIER, S. Clinical diagnosis and symptoms of dementia. *Alzheimer's & Dementia*, v. 17, n. 7, p. 1034-1041, 2021.

GLOBAL BURDEN OF DISEASE. Global estimates of dementia prevalence. *The Lancet Global Health*, v. 7, n. 9, p. e1122-e1133, 2019.

GUZMÁN-GARCÍA, A.; HUGHES, J. C.; JAMES, I. A.; ROCHESTER, L. Dancing as a psychosocial intervention in care homes: a systematic review of the literature. *International Journal of Geriatric Psychiatry*, v. 28, n. 9, p. 914-924, 2013.

HACKNEY, Madeleine Eve; BURZYNSKA, Agnieszka Zofia; TING, Lena H. The cognitive neuroscience and neurocognitive rehabilitation of dance. *BMC neuroscience*, v. 25, n. 1, p. 58, 2024.

HILL, H. Dancing with hope: dance therapy with people with dementia. In: CHAIKLIN, S.; WENGROWER, H. *The art and science of dance/movement therapy: life is dance*. Nova York: Routledge, 2016. p. 219-232.

HO, R. T. H. et al. Psychophysiological effects of dance movement therapy and physical exercise on older adults with mild dementia: A randomized controlled trial. *Journal of Gerontology: Psychological Sciences and Social Sciences*, v. 75, n. 3, p. 560-570, 2020.

HUANG, Chen-shan et al. Effects of dance therapy on cognitive and mental health in adults aged 55 years and older with mild cognitive impairment: a systematic review and meta-analysis. *BMC Geriatrics*, v. 23, n. 1, p. 695, 2023.

KACZMARSKA, M. Valuing embodiment: insights from dance practice among people living with dementia. *Frontiers in Neurology*, v. 14, p. 1174157, 2023.

KALES, H. C.; GITLIN, L. N.; LYKETSOS, C. G. Assessment and management of behavioral and psychological symptoms of dementia. *BMJ*, v. 350, 2015.

KIM, Soo-Jin; KIM, Hyeong-Dong. Relationship between falls, cognitive decline, and dementia in older adults: Insights from the Korean longitudinal study of aging, 2006–2020. *Experimental gerontology*, v. 194, p. 112481, 2024.

KONTOS, P.; GRIGOROVICH, A. Integrating citizenship, embodiment, and relationality: towards a reconceptualization of dance and dementia in long-term care. *Journal of Law, Medicine & Ethics*, v. 46, p. 717–723, 2018.

KONTOS, P. et al. Dancing with dementia: Exploring the embodied dimensions of creativity and social engagement. *The Gerontologist*, v. 61, n. 5, p. 714-723, 2021.

LAZAROU, I. et al. Effect of dance on cognitive function in older adults with mild cognitive impairment: A randomized controlled trial. *Journal of Alzheimer's Disease*, v. 60, n. 3, p. 733-746, 2017.

LIVINGSTON, G. et al. A new update on dementia care: Addressing global challenges. *The Lancet Neurology*, v. 23, p. 15-25, 2024.

LIVINGSTON, G. et al. Dementia prevention, intervention, and care: 2020 report of the Lancet commission. *The Lancet*, v. 396, n. 10248, p. 267-285, 2020.

LOPEZ-NIEVES, I.; JAKOBSCHKE, C. E. Biomolecular effects of dance and dance/movement therapy: A review. *American Journal of Dance Therapy*, v. 44, p. 241–263, 2022.

MABIRE, Jean-Bernard; AQUINO, Jean-Pierre; CHARRAS, Kevin. Dance interventions for people with dementia: systematic review and practice recommendations. *International Psychogeriatrics*, v. 31, n. 7, p. 977-987, 2019.

MOTTA-OCHOA, R. et al. Mouvement de passage: Creating connections through movement among persons with dementia. *Dementia*, v. 20, n. 7, p. 2573-2596, 2021.

MURILLO-GARCIA, A. et al. Effect of dance therapies on motor-cognitive dual-task performance in middle-aged and older adults: a systematic review and meta-analysis. *Disability and Rehabilitation*, v. 43, n. 22, p. 3147–3158, 2020. DOI: 10.1080/09638288.2020.1735537.

NYSTRÖM, K.; LAURITZEN, S. O. Expressive bodies: demented persons' communication in a dance therapy context. *Health*, v. 9, n. 3, p. 297-317, 2005.

PALO-BENGTSSON, L.; EKMAN, S. Emotional response to social dancing and walks in persons with dementia. *Journal of Alzheimer's Disease and Other Dementias*, v. 17, n. 3, p. 149-153, 2002.

PRATES, R. A. C. S., et al. Effects of dance interventions on brain health for older adults with cognitive impairment: an umbrella review. *BMC geriatrics*, v. 25, n. 1, p. 846, 2025.

REHFELD, K. et al. Dance training is superior to repetitive physical exercise in inducing brain plasticity in the elderly. *PLoS One*, v. 13, n. 7, p. e0196636, 2018.

SABATES, Julieta et al. The associations between neuropsychiatric symptoms and cognition in people with dementia: a systematic review and meta-analysis. *Neuropsychology Review*, v. 34, n. 2, p. 581-597, 2024.

SARAIVA, Maria do Carmo. O sentido da dança: arte, símbolo, experiência vivida e representação. *Movimento (ESEFID/UFRGS)*, v. 11, n. 3, p. 219-241, 2007.

SCHEIN, Jeff et al. The impact of agitation in dementia on caregivers: a real-world survey. *Journal of Alzheimer's Disease*, v. 88, n. 2, p. 663-677, 2022.

SHARP, K.; HEWITT, J. Dance as an intervention for people with Parkinson's disease: A systematic review and meta-analysis. *Neuroscience & Biobehavioral Reviews*, v. 47, p. 445-456, 2014.

SUWABE, Kazuya et al. Rapid stimulation of human dentate gyrus function with acute mild exercise. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 115, n. 41, p. 10487-10492, 2018.

TAO, D. et al. The effectiveness of dance movement interventions for older adults with mild cognitive impairment, Alzheimer's disease, and dementia: A systematic scoping review and meta-analysis. *Ageing Research Reviews*, v. 92, p. 102120, 2023.

THUMULURI, Deepthi et al. Improvisational movement to improve quality of life in older adults with early-stage dementia: a pilot study. *Frontiers in Sports and Active Living*, v. 3, p. 796101, 2022.

WANG, S. et al. Dance and cognitive function: A systematic review and meta-analysis in older adults. *Neuroscience & Biobehavioral Reviews*, v. 157, p. 104984, 2024.

WARRAN, Katey et al. What are the research priorities in dance for dementia? A co-created agenda to support equitable research. *Arts & Health*, p. 1-23, 2024.

WHO (WORLD HEALTH ORGANIZATION). *Global status report on the public health response to dementia*. 2021.

WHO(WORLD HEALTH ORGANIZATION). *Global action plan on the public health response to dementia 2017–2025*. Geneva: World Health Organization; 2017.

WIMO, A. et al. The worldwide costs of dementia 2023. *Alzheimer's & Dementia*, v. 19, n. 2, p. 300-307, 2023.

WU, C. C. et al. Dance movement therapy for neurodegenerative diseases: a systematic review. *Frontiers in Aging Neuroscience*, v. 14, p. 975711, 2022.

WU, V. X. et al. The effect of dance interventions on cognition, neuroplasticity, physical function, depression, and quality of life for older adults with mild cognitive impairment: A systematic review and meta-analysis. *International Journal of Nursing Studies*, v. 122, p. 104025, 2021.

Recebido: 02/08/2025.

Aceito: 15/03/2026.

Aprovado para publicação: 22/04/2026.

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos de uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. Disponível em: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.

This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License 4.0 International. Available at: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.

Ce texte en libre accès est placé sous licence Creative Commons Attribution 4.0 International.